

VIOLA DA SOLIDÃO

Márcio Jabur

*Remanso de Rio largo,
viola da solidão:
quando vou p'ra dar
batalha,
convido meu coração...*

Canção de Siruiz

*Sozinho sou, sendo, de sozinho careço:
sempre nas estreitas horas – isso procuro*

Riobaldo

Na noite em que ele morreu, eu decidi que nunca mais teria uma namorada. Não que já tivesse tido alguma, apesar das eternas e contínuas paixões secretas que me perseguiam desde a infância. Mas foi o fato devastador da sua morte que me convenceu definitivamente da inutilidade daquelas paixões, transformando a frustração permanente, mas esperançosa, na consciência dilacerada de uma impossibilidade radical. Pela primeira vez se mostrava assim, tão clara a meus olhos, a extensão absoluta de minha marginalidade, a exclusão inevitável da marca de Caim.

No entanto, se a dor e a marginalidade, a amarga consciência da exclusão e da diferença, e, sobretudo, a solidão eram uma constante em minha vida, aquela foi a noite do completo desespero, a noite do desamparo absurdo de sentir-se absolutamente só em toda a terra. A noite em que ele morreu. Ah, a angústia de não poder contar com uma *única* pessoa – e muito menos a tão querida namorada –, uma única pessoa com quem conversar, uma única pessoa que soubesse quem tinha sido ele.

Eu estava no bar do Clube, sozinho como sempre, peixe de grotão. Homem foi feito para o sozinho? Foi. Mas eu não sabia. Ouvi a notícia pelo último jornal da TV. Seriam onze ou onze e meia da noite, e o absurdo da coisa atingiu-me

como... um raio, vá lá, em que pese o lugar-comum. A morte é corisco que sempre já veio. Não sei por quanto tempo me mantive perplexo, boquiaberto, abobalhado, incrédulo, a angústia crescendo insuportável na garganta. Olhei então sofridamente ao redor, apenas por força de algum reflexo tolo e insensato, pois, ainda que o bar estivesse cheio, e apesar da doce ingenuidade da minha precária adolescência, eu já possuía plena consciência do desenraizamento. Por isso conhecia perfeitamente a inutilidade grotesca daquele olhar ansioso e desesperado.

Sim, ele tinha morrido. Nada do que eu pudesse fazer ou pensar alteraria esse fato singelo e absurdo. Mais absurdo ainda porque ele tinha morrido, e, em volta, ninguém que soubesse. Em volta, no clube todo, na cidade inteira, em todo o mundo, ninguém que soubesse. Ninguém que soubesse que ele tinha morrido, e muito menos quem *fora* ele. Como era que um daquele podia se acabar? Mas se acabara, e toda aquela gente distraída ao meu redor continuava comendo, bebendo e conversando tranqüilamente.

Quanto a mim, apesar de saber, apesar de saber tanto que cerrava os dentes e mordida os lábios até sangrarem, prosseguia olhando em volta, na vã tentativa de encontrar um só com quem pudesse conversar, pudesse contar, pudesse confessar que ele... E o Burrinho Pedrês, e Augusto Matraga, e Lalino Salatiel, e o sempre encontrável Santana, e o boi Rodapião, e “seu” Joãozinho Bem-Bem, e Sorôco, sua mãe, sua filha, e Miguilin, e o Dito, e Doralda, e Soropita, e Tio Terez, o Grivo, o Cara-de-Bronze, Moimeichego, Francolim, e Maria da Glória, e dona Lalinha, a quem seria sempre um pecado despir, e Iô Liodoro e Nhô Gualberto Gaspar, e Dona Rosalina, que mais sabia do amor, e o Hermógenes, homem sem anjo-da-guarda, e Zé Bebelo, e Medeiro Vaz, o rei dos Gerais, Iô Candelário, João Goanha, e o Paspé, Alaripe, Fafafá, Siruiz, o violeiro, o cavalo Siruiz, Compadre Ciril, Compadre Quelemen, Titão Passos, Pacamã-de-Presas, o Alpercatas, Timpim Vinte-e-um, Manuel Fulô, João Porém, a mocinha Miosótis, Nhorinhá, casada com muitos, e que sempre amanheceu flor, Rosuarda que é rosa também em árabe, Selorico Mendes, a Bigri, o famoso Ricardão, o homem das beiras do Verde-Pequeno, amigo acorçoado de importantes políticos, o “Urutú-Branco”, ah, esse... tristonho levado, que foi – que era um pobre menino do destino, e, é claro, *Diadorim* – todos estes, indignados,

protestavam junto comigo, junto com a revoltada indignação da minha inexperta adolescência ante a indiferença daquela gente que comia e bebia, sem qualquer emoção, sem qualquer pudor, sem qualquer sentimento, sem entender nada, sem saber coisa alguma, sem simplesmente saber que ele tinha morrido: essa coisa simples, terrível e definitiva.

Não, não podiam saber nem pensar na sua morte, e eu era jovem demais para entender isso. Toda uma cidade e ninguém que. . . Ninguém na cidade inteira que eu pudesse procurar, não àquela hora da noite — e, se fosse dia, não seria diferente. Não, ninguém com quem falar sobre ele, com quem partilhar a dor da sua extinção, de sua súbita e repentina extinção, sua *definitiva* extinção.

Entretanto, e apesar dessa indiferença absoluta, estava extinta, extinta para sempre a fonte prodigiosa que, fazendo brotar todos aqueles homens, mulheres, bois e buritis, fizera brotar os mais profundos prazeres, a mais profunda gratidão, e o mais profundo amor que eu pudera sentir até então — e com tão puro, ingênuo e exaltado entusiasmo, a que se somava a descoberta inédita de um universo inusitado e indefinidamente mágico, maravilhoso, cuja revelação ensinava-me mais a respeito de mim mesmo do que as minhas próprias experiências, e transfigurava para sempre não apenas minha existência cotidiana, mas até mesmo as coisas e as relações, as falas, a visão do mundo e, sobretudo, os sentimentos, que se tornavam mais e mais exaltados, eufóricos, delirantes, bêbado de meu, remordendo o ar e gritando Lúcifer! Lúcifer!, e rejeitando desde então e para sempre, a regra de nenhum meio-termo.

Onde, naquela implacável madrugada, encontrar alguém com quem falar essas coisas, e nesses termos? Lamentavelmente, nem ao menos sabiam que ele tinha morrido, e nem sabiam quem era ele, nem Diadorim, nem Matraga, nem que seria sempre um pecado despir Dona Lalinha.

Ele tinha morrido, tinha acabado de morrer, e de nada me valia ir acordar a amada que não tinha, naquela noite enluarada em que ele se foi. . .

Sei que era enluarada porque. . . a saudade me alembra. E porque saí do bar, bêbado (não por causa da morte dele, mas porque era costume), e, como era também costume, me pus a vagar pelas ruas desertas, ouvindo meus próprios passos ecoarem sinistros no silêncio, e silêncio, sabe você o que é, é a gente mesmo, demais. E no céu, claro e azul, a lua cheia ia

seguindo meus passos desnorteados, teimosa, muda testemunha do meu desespero, lua de com ela se cunhar dinheiro.

Queria ir para casa, mas não conseguia. Uma espécie de dever, de obrigação, fazia-me prosseguir, como se voltar para casa, que para mim sempre constituía uma derrota, agora fosse também uma heresia e uma traição, não somente por força da lua, mas também por força daquela compulsão que me encaminhava para o final da rua, para os arrabaldes da cidade, os caminhos tortuosos dos contrafortes da Mantiqueira.

Contudo, em casa ao menos poderia escrever aqueles versos embriagados que pareciam sublimes e de manhã não valiam nada. Mas, o que importava amanhã? Amanhã, naquela madrugada de lua e morte, estava longe demais. Importava, isto sim, que, em casa, teria o refrigério de escrever aquelas coisas sublimes, aquelas coisas que, ao menos no instante em que as escrevia, nihilizavam qualquer manhã, apagavam a marca de todas as desilusões anteriores, as matutinas desilusões que as levavam invariavelmente à cesta de lixo.

Sei que estou me desviando do assunto, mas contar seguido, alinhavado, só sendo as coisas de rasa importância — e estou contando não é uma história de adolescente, seja se for de boêmio, mas a matéria vertente. E você sabe: não acerto no contar; porque estou remexendo o vivido longe alto, com pouco caroço, querendo esquentar, demear, de feito, meu coração, naquelas lembranças. Ou quero enfiar a idéia, achar o rumorzinho forte das coisas, caminho do que houve e do que não houve. Às vezes não é fácil. Fé que não é. E contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas — de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A qualquer narração dessas depõe em falso, porque o extenso de todo sofrido se escapole da memória. E esquecer, para mim, é quase igual a perder dinheiro. Todas as minhas lembranças eu queria comigo. Você entende, o que conto assim é resumo; pois, no estado de viver, as coisas vão enqueridas com muita astúcia: um dia é todo para a esperança, o seguinte para a desconsolação. Mas para mim refletir sobre isso, naquele momento, não adiantava. A alternância, só existe depois. Talvez o outro dia pudesse ser o de esperança, mas para ódio e amor que dói, amanhã não é consolo. Aquela noite, era só desconsolação. E a noite é uma grande espera. Por isso continuava andando, pois o cansaço fez tristeza, em quem dela carece. Aquilo era como se fosse um touro preto, sozinho

surdo nos ermos daquela noite de lua, urrando no meio da tempestade. Um homem, coisa fraca em si, macia mesmo, aos pulos de vida e morte, no meio das duras pedras. Mas você pensa que morte é sofisma — terra funda e ossos quietos, que a morte é para os que morrem. O que sei é que ele morreu como o decreto de uma lei nova. Ele morreu, como minha vida mudou para uma segunda parte.

Creio que não devia recordar essas coisas, porque ficar calado é que é falar dos mortos, e tudo que ele falava, para mim virava sete vezes. Mas como ele não calou nunca, só ficou encantado, continuo, como continuei caminhando pela noite, trôpego, até o nascer do sol, como fazia sempre, independente dele ter morrido. Continuei caminhando, até sair da cidade, a lua cheia iluminando os campos e os telhados, as ruas virando caminho de terra, ladeados de casas velhas e esparsas, separadas umas das outras por extensos baldios, quase em ruínas, as paredes descascadas e sujas de poeira vermelha. No fim de um desses caminhos ficava o bar do Liberato, onde, de madrugada, parava o caminhão dos bóias-frias, que naquele tempo não tinham esse nome, porque nome não dá, nome recebe.

Ali terminavam as casas e o caminho se abria numa espécie de praça tosca e descampada, coberta em toda sua extensão por quase um palmo de poeira, e limitada ao fundo por antigos currais de madeira carcomida, quase em ruínas também. Além dos currais, fechando o horizonte em contraste com a terra árida da “praça”, os imensos e verdes maciços da Mantiqueira. Do outro lado, Minas...

A noite findara, a lua se fora, o dia nascera, e a aventura, pensei, acabava ali, mas, no real da vida, as coisas acabavam com menos formatos, nem acabam. Por incrível que me tivesse parecido então, e a realidade não tem a menor obrigação de parecer verossímil, o desespero romântico e adolescente daquela madrugada enlustrada não fora contudo a derradeira emoção que a morte dele me causaria. Haveria ainda outra, porventura maior, ou ao menos mais fantástica, mais surpreendente, mais extraordinária — em uma palavra, mais *inacreditável*. Ainda outra, ali mesmo, no limiar daquela capoeira poeirenta de terra vermelha, rodeada de currais apodrecidos na bifurcação dos caminhos, naquele sórdido botequim no extremo de um povoadinho miserável na divisa de Minas Gerais...

Por volta do meio-dia (eu me sentara entre as raízes de uma grande paineira à beira do barranco, atrás da vendinha, e

devo ter adormecido; e quando a gente dorme, vira tudo: vira pedra, vira flor); por volta do meio dia, fui despertado pelo ôôôô de alguns vaqueiros que chegavam, trazendo algumas reses. Na frente, o legendário Lino Cardoso. Eles se detiveram, obviamente para limpar a poeira da goela, ou espantar o calor. Ajeitaram mais ou menos as reses no curral e foram para o bar. E eu os segui, furtivo e discreto como um vira-lata, e me sentei com eles, só um tantinho afastado.

E lá estava Lino Cardoso, no centro da roda e das atenções. O velho Lino Cardoso, o maior boiadeiro dos tempos passados, o grande cavaleiro, o grande peão, o mito maior da minha infância — e da infância de todos aqueles que iam à matinê e sonhavam galopar pelos campos no mais belo cavalo branco, e laçar as reses, e dominar os estouros da boiada, e, naturalmente, salvar a mocinha...

Ainda hoje o vejo claramente, naquele imenso animal, empinado lá em cima, os casos ameaçadores e terríveis, e o Lino, belo, garboso e magnífico como uma lenda, puxando as rédeas e dominando o bruto. A figura dele, no cavalo branco — cavalo que me olha de todos os altos.

Essa a imagem que ficou, idealizada sem dúvida, do mesmo modo que o idealizava ainda, no encontro naquele bar, já então um pobre homem, velho e alquebrado. Mas quem sabe direito o que uma pessoa é? Antes sendo: julgamento é sempre defeituoso, porque o que a gente julga é o passado. Contudo, a gente sabe mais, de um homem, é o que ele esconde. Mas ele não escondia nada.

Na mesa do bar, obviamente aos goles de cachaça, Lino se pôs a contar histórias e as proezas do Asa-Branca, que não conheci, mas que, segundo ele, tinha sido de fato o maior dos boiadeiros, coisa que afirmava e jurava de pés juntos, não por modéstia, mas para enaltecer o fato de que tinha cavalgado lado a lado com ele, por todo esse sertão...

Mais animado pelas lembranças, pela atenção hierática de todos nós, e pela cachaça, Lino Cardoso continuava falando, recordando as proezas do Asa-Branca, e outras histórias de boiadeiros e bois famosos, as suas principalmente. Lá fora, na sonolência do começo da tarde, as reses mugem nostalgicamente, a rua deserta, a praça deserta sob o sol moderrento do meio-dia. A cachaça enternece, estabelece a paz com a vida, leva a amar profundamente aqueles sujeitos a caráter, chapelão, botas altas, esporas, calças de brim, poeira no chapéu e nas roupas,

mãos grandes e rudes. A vontade de confraternizar aos abraços, contida nos gestos, derramando-se nos olhares, os sorrisos crispados, na audição respeitosa de relatos tão conhecidos. O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente está per-tinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe!

As lembranças antigas, o ambiente do bar de beira de estrada numa encruzilhada poeirenta e deserta na divisa de Minas, a lenda viva de Lino Cardoso ali na frente, e do Asa-Branca na memória, a noite insone, a lua de cunhar dinheiro sobre as falsas caatingas e sobre a desolação da minha madrugada cambaleante marcada por aquela perda tão radical, os boiadeiros tocando gado naquelas estradas de pó, as reses mugindo lá fora na espera resignada, minha infância entre bois, cavalos e histórias de heroísmo, a cachaça e as narrativas de Lino alimentando a fantasia, ele próprio uma grande e triste narrativa, tudo isso, mais meus dezessete anos, ou dezesseis, tudo isso sem dúvida predispunha inevitavelmente a pensar nele e na poesia das suas histórias.

Percebi então, não pela primeira vez, é claro, mas com uma agudeza talvez inédita em sua pungência cruciante, percebi que não podia, que *nunca mais* poderia viver aquilo, bois e boidadeiros, como uma experiência direta, que vinha aliás da mais remota infância, eu que costumava dizer, fazendo gênero provavelmente, que nascera numa porteira de curral, ou sobre o lombo de um cavalo, e bebera o leite de cem vacas, imagem que já nem sei se é minha ou dele, na medida que tudo se mistura nas minhas lembranças — e nas minhas percepções, nos meus sentimentos, no meu próprio contato com a realidade, uma realidade irreversivelmente transfigurada pela mágica poesia cujo rastro ele espalhou para sempre em todos os seres e em todas as coisas.

Não mais conseguiria — e não se trata de perda ou lamento —, não mais conseguiria viver as coisas de maneira imediata, espontânea, pessoal. Mas inelutavelmente só através daquela mediação perturbadora e maravilhosa que recobria o real, prosaico, cinzento e cotidiano, com as cores deslumbrantes do mito.

As reses porém, indiferentes, continuavam mugindo de quando em quando na tarde deserta, enquanto o sol paralisava tudo sob sua luz desabrida, fantasmagórica. A morna tontura da cachaça, os boiadeiros broncos que também não sabiam que ele havia morrido, indiferentes como o gado, bebendo agora

em silêncio como pressentindo alguma coisa. E então, exatamente ali, com toda aquela ambiência e predisposição, exatamente naquele momento, dá-se o acontecido, que sei que ninguém acreditará: bem no meio do largo deserto, sopra de repente um pé-de-vento, saído não se sabe de onde, e levanta na poeira um redemoinho enorme, denso, opaco e violento, que não queria mais acabar. Ao contrário, ficou ali, por um tempo enorme, furioso, girando, girando...

O DIABO NA RUA, NO MEIO DO REDEMUNHO

Certamente dirão que, ainda que seja verdade, é tudo ridiculamente inverossímil, parecendo excessivamente artificial, excessivamente “montado” no sentido do suposto efeito do impacto final, desvendando demais a astúcia da inversão clássica da narrativa, que sempre se constrói, não a partir do começo, mas do fim. E eu, mesmo mentindo, poderia replicar que tudo aconteceu direitinho deste jeito, sem tirar e nem pôr, sem mentira nenhuma, porque esta aqui é uma estória inventada, e não é caso acontecido, não senhor.

Mas, seja como for, e sempre mente pouco quem a verdade toda diz, o fato é que me arrepiei inteiro, e lágrimas atrozmente congestionavam meus olhos transfigurados; e já amolentado e exaltado pela bebida e pelas histórias do Lino Cardoso e da minha infância, simplesmente chorei de emoção.

O DIABO NA RUA, NO MEIO DO REDEMUNHO

Ali, numa tarde esquecida, tão antiga, na encruzilhada poeirenta de um povoado perdido na divisa de Minas, parado no tempo, a epígrafe famosa. Se você já viu disso, sabe; não sabendo, não me entenderá. E se não sabe, como vai saber? São coisas que não cabem em fazer idéia.

Na verdade, creio que não cheguei a chorar. Isto é, não no sentido de deixar lágrimas correrem. Mais provável é que tenha conseguido dramaticamente contê-las — e terá sido esse, talvez, o maior esforço da minha vida, os olhos a arderem atrozmente, desesperadamente —, pois é evidente que não podia fazer este papel deplorável e vergonhoso, não podia chorar na frente de homens rudes e duros, guerreiros terríveis por trás dos seus aços e couros.

E assim, suprema e cruel ironia, tantas similitudes absurdas, tantas coincidências desconcertantes, o diabo no meio da rua no meio do redemunho: contive as lágrimas e dissimulei a emoção da mesma forma, e pela mesma razão, que Riobaldo tinha contido e dissimulado o seu amor por Diadorim...